



(Folha, 89)

Planeta Terra. Final do século XX. A cena é a avenida da Paz Eterna (Av. Jianguomennei) no centro de Pequim, China, em agosto de 1989.

A UNIVERSIDADE E O NOVO MILÊNIO

Nelson Pretto*

A sociedade transforma-se velozmente. Novos valores vão surgindo colocando a modernidade em seu limite histórico. Neste artigo são analisadas as principais transformações que estão ocorrendo na sociedade contemporânea, caracterizada pela presença generalizada de imagens e informações, que circulam velozmente pelos novos meios eletrônicos de comunicação.

Neste contexto, o artigo discute o papel do sistema educacional na sociedade do mass media, analisando, particularmente, a situação das universidades relativo às suas práticas e políticas audiovisuais.

Um único estudante coloca-se na frente de um tanque de guerra, que dirigia-se para reprimir uma manifestação estudantil. O mundo inteiro vê. Milhares de outros acontecimentos se sucedem em diversas partes do mundo. Uma bomba explode na Galleria degli Uffizi em Firenze. O mundo inteiro ouve. Índios Guaranis, no Brasil, ameaçam suicídio coletivo caso sejam obrigados a deixar suas terras. O mundo todo exclama. Em algum outro lugar, um gol num campeonato regional de futebol, um novo filme em Holywood ou Cannes, uma onda de frio nos Estados Unidos ou mais uma bomba na Bosnia. Tudo é mostrado e visto, em quase todo o planeta, quase que ao mesmo tempo. Imagens proliferam-se através de tecnologias avançadas, desenvolvidas para atingir - e agora interagir - o maior número de pessoas, no maior número de lugares, no menor espaço de tempo possível.

Vivemos numa sociedade planetária, com a circulação da informação constituindo-se num dos seus pilares básicos, referenciada por imagens que são produzidas ininterruptamente e que circulam por todo mundo, quase que instantaneamente. É a sociedade dos mass media, a sociedade da comunicação generalizada, que está introduzindo modificações profundas no conjunto de valores da humanidade, estabelecendo uma nova ordem, com consequências ainda não plenamente identificadas.

Nas últimas décadas um movimento de aproximação entre as grandes indústrias do mundo eletrônico, dos equipamentos, da informática, da informação, de entretenimento e cultural promove um desenvolvimento significativo dos sistemas de comunicação em todo o planeta, provocando um deslocamento na perspectiva de mundo em praticamente todas as áreas do co-

* Professor da Faculdade de Educação e do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia, Doutor em Comunicação. USP.

nhecimento e introduzindo uma outra e nova razão (outro paradigma?), mais global e mais complexa. As ciências, as artes, a publicidade, o lazer, as técnicas, tudo, enfim, vai se transformando, colocando em crise os valores que constituíram as bases da sociedade moderna.

Um mundo de imagens e informações

Ao longo dos anos, todo um conjunto de conhecimentos foi sendo produzido e constituiu-se nas bases fundamentais da filosofia moderna de vida. Alguns desses elementos tem importância singular para a abordagem que se fará neste artigo e devem ser destacados. A busca do novo, do rompimento com o antigo implicou, evidentemente, na valorização de um sentido especial para a História. Além disso, implicava na adoção de um **referencial privilegiado** para se acompanhar o movimento da humanidade. Referencial este que, além de privilegiado, deveria ser **único**. Desta forma era quase natural o desenvolvimento da idéia da existência de uma História privilegiada, centrada no próprio homem, trazendo, intrinsecamente, a idéia de progresso, de algo que substitui o que fica para trás, na busca da construção de algo melhor. Segundo Vattimo, "com o passar dos séculos, será sempre mais claro que o culto do novo e do original na arte liga-se a uma perspectiva mais geral que, como acontece no Iluminismo, considera a História humana como um processo de emancipação progressiva, como sendo a mais perfeita realização do homem ideal. (...) Se a História tem este senso progressivo, é evidente que existirá mais valor naquilo que está mais 'avançado' na direção de uma conclusão, ou seja, aquilo que está mais próximo do final do processo. A condição para conceber a História como realização progressiva da humanidade autêntica, porém, é que se possa vê-la como um processo unitário. Somente se existe a História se pode falar de progresso" (Vattimo, 89, p. 8).

Além disso, este conceito implica, naturalmente, na escolha de um certo homem ideal e novamente, é Vattimo quem explicita a identidade deste homem ideal, uma vez que, para ele, isto significa assumir "um certo ideal de homem que, na modernidade, foi sempre àquele do homem moderno europeu - como quem diz : nós europeus somos a melhor forma da humanidade, todo o curso da História se ordena conforme este ideal se realize mais ou menos completamente (Vattimo, 89, p. 10)."

O grande desenvolvimento da ciência e da técnica à partir da segunda metade do século XIX vai também refletir-se na ampliação das possibilidades de comunicação. O surgimento do telégrafo, telefone, fotografia, cinema, ao mesmo tempo que revolucionou as comunicações e as formas de representação, introduziu, também, novos valores na sociedade como um todo. Na virada do milênio e nas primeiras décadas do século atual, as artes e a

ciência experimentam um salto significativo e promovem transformações marcantes em todo o mundo. As novas teorias da relatividade de Einstein (1905), as descobertas dos mecanismos do inconsciente e dos sonhos por Freud, a introdução do conceito de linha de montagem por Ford (1913), o movimento surrealista na década de 20, do qual André Breton é um dos seus intelectuais mais destacados, são apenas os destaques mais significativos desta efervescência científica e cultural.

O mundo vive até a primeira metade do século XX duas grandes guerras mundiais que modificam completamente o panorama político, social e cultural do planeta. Durante este período, a comunicação começa a transformar-se numa comunicação de massa, com o auxílio dos novos meios eletrônicos que surgiam, ao mesmo tempo que as indústrias eletrônicas e de equipamentos investem cada vez mais nas pesquisas para o desenvolvimento de tecnologias para a ampliação de um sistema comunicativo planetário. No campo científico desenvolve-se, a partir das descobertas de Einstein, a energia nuclear, utilizada para o acionamento de motores e também em armas de guerra, como as bombas atômicas lançadas em Hiroshima e Nagasaki. Desenvolvem-se pesquisas na Física, com especial destaque para o "estado sólido" e, com isso, pesquisadores da Bell Telephone Laboratories chegam à construção do transistor, que revolucionará a indústria de equipamentos, dando especial impulso à nascente indústria da informática.

É no pós-Segunda Guerra Mundial, quase à metade do século vinte, que tem início a crise maior da modernidade, com as indústrias da informática e da comunicação desempenhando um papel significativo.

Começa a configurar-se um conjunto de novos valores que colocam em cheque os valores modernos, transformando aquilo que era a razão moderna - operativa - numa nova razão ainda não completamente definida, mas que tem na globalidade e na integridade seus elementos mais fundamentais. Para Marcondes Filho, estas transformações não devem ser entendidas como crise da civilização mas como, acima de tudo, uma "crise do 'mito', da 'matriz de racionalidade' que nos dirigiu nestes últimos séculos" (Marcondes Filho, 92, p. 3).

A assunção das máquinas é, portanto, um momento especial no mundo contemporâneo porque significa a superação do homem pela máquina - da razão (da ciência e do progresso) pela imaginação e pelos meios de co-

municação e informação - levantando novas questões ainda em formulação e colocando **a modernidade em seu limite histórico**.¹

A esta altura, torna-se necessário retomar alguns pontos já levantados e, aprofundando-os, analisar seus desdobramentos.

A unicidade histórica que já vinha sendo questionada desde o final do século passado transforma-se em conceito superado a partir da multiplicidade de possibilidades de se contar outras histórias, que antes não apareciam ou não podiam aparecer em função do seu caráter ideológico. Portanto, "é ilusório pensar que exista um ponto de vista supremo, globalizante, capaz de unificar todos os outros (como seria a História, que engloba a História da arte, da literatura, das guerras, da sexualidade etc)" (Vattimo, 89, p. 10).

A crise da existência de uma única História, superior às outras possíveis histórias, traz em si, intrinsecamente, a crise dos metarrelatos, da ideia de progresso e de evolução. Isto porque não havendo um curso unitário e privilegiado da História não se pode estabelecer uma ordenação de valores ou um sentido para o tempo, colocando-se, antes, os valores atrasados e na frente os avançados, o futuro. Para Vattimo, "os Iluministas, Hegel, Marx, positivistas, historicistas de todos os tipos, pensavam todos, mais ou menos, da mesma forma, que o sentido da história fosse a realização da civilização, isto é da forma do homem europeu moderno."

Essas transformações, ainda segundo Vattimo, não são transformações apenas teóricas. Representam um momento em que "os povos ditos primitivos, colonizados pelos europeus em nome do bom direito da civilização superior e mais evoluída, rebelaram-se e colocaram em questão de fato a História unitária, centralizada. O ideal europeu de humanidade revelou-se como mais um entre outros, não necessariamente pior, mas que não pode, sem violência, querer ter o valor de verdadeira essência do homem, de todos os homens" (Vattimo, 89, p. 11).

A ampliação das possibilidades de se contar diversas histórias começa a se viabilizar a partir da segunda metade deste século, com a explosão

¹ Para muitos autores a modernidade já acabou ou, no máximo, vive-se uma tardo-modernidade. Para aqueles que consideram a modernidade acabada, estamos vivendo a pós-modernidade. Entre os pesquisadores que defendem o conceito de pós-modernidade encontram-se Gianni Vattimo, Jean Lyotard, David Harvey, Arthur Kroker, Steven Connobn, Luicen Sfez. No Brasil, Ciro Marcondes Filho, Nelson Brissac Peixoto, entre outros, pesquisam a temática e compartilham do conceito de pós-modernidade. Prefiro trabalhar com o conceito de **limite histórico da modernidade**, uma vez que este momento de transição entre o declínio da modernidade e o desenvolvimento da pós-modernidade é ainda muito recente, com um embate filosófico significativo, que não é o objeto deste artigo. Existe, na Universidade de São Paulo, coordenado por Cyro Marcondes Filho, um grupo que estuda a pós-modernidade (Grupo de Estudos **Nova Teoria da Comunicação**) e, como produto de suas reflexões, publica periodicamente a revista **Atrator Estranho**.

dos meios de comunicação. Quando, em 1936, a BBC (British Broadcasting Corporation) de Londres irradiava as primeiras transmissões televisivas, o mundo começava a perceber que algo de novo estava surgindo. Assim como aconteceu com o Rádio, rapidamente as emissoras de televisão começaram a se instalar em grandes redes, inicialmente nacionais. Apenas 14 anos depois, a televisão chegava também ao Brasil. Menos de 50 anos foram necessários para que o empreendimento televisão adquirisse um contorno mundial. Em 1976, Ted Turner comprava o pequeno Canal 17 de Atlanta/EUA, dando início à construção daquela que seria a primeira rede mundial de comunicações, a CNN - Cable News Network (Hoineff, 91). Era o início da viabilização das redes mundiais de comunicação, com a utilização dos satélites artificiais.

Em tese, com isso, ampliam-se as possibilidades de comunicação, tendo a televisão um papel de destaque, já que passa a funcionar associada a todos estes vários canais de comunicação, articulada em grandes redes. Esta passa a ter, então, a função de re-construir a história, melhor dizendo, **as histórias**.

Este conjunto de transformações vai colocando, como já dito, a modernidade em seu limite histórico, implicando, como consequência, numa **mudança no modo de produção dos paradigmas**. Assim, o homem deixa de ser o centro do universo e, informação, produção e circulação de imagens passam a ser os vetores mais significativos do novo mundo que se está construindo. Um novo mundo, onde o real já não mais existe. Para Marcondes Filho, "fim do mundo antropocêntrico e da ilusão de atuação eficaz na sociedade, na história, na cultura, entram em concorrência com a realidade maquínica de mundos virtuais, em que a existência física, palpável, concreta desce a um segundo plano. Assim, é-se hoje acometido de um tipo de angústia especial e até então desconhecida, a de ter que demonstrar que se está vivo" (Marcondes Filho, 92, p. 34).

Deixa de existir, portanto, a tradicional oposição entre imagem e realidade. A razão moderna, fundamentada no racionalismo, no operativo, vai cedendo espaço para uma nova razão que se está construindo, agora, repito, baseada na globalidade e na integridade, onde realidade e imagem se fundem no próprio processo de construção de conhecimento e vivência. Neste sentido, hoje, o mundo se mostra permanentemente e este excesso esvazia a própria imagem enquanto tal, transformando o mundo atual num verdadeiro reino sobreexposto. Para Nelson Brissac, a publicidade é a base deste reino sobreexposto. Para ele, atualmente, são as imagens que se dirigem a nós e, não mais os homens que contemplam o mundo. "Na cultura tradicional", diz ele, "nós criamos as imagens. É o nosso olhar que discerne e enquadra, que dispõe cada coisa em seu lugar. Hoje em dia, ao contrário,

o mundo já nos chega pronto como imagem. Não há mais a possibilidade de contemplação.

Esse hiper-realismo implica, na verdade, uma perda do real. Na sua pulsão em apreender imediatamente tudo que está acontecendo, a TV acaba substituindo a realidade. Acaba produzindo o real. No limite, não há nada fora dela" (Brissac, 91, p. 74).

Este momento histórico tem muitas outras implicações na construção da sociedade do próximo milênio. Já vivemos, em parte, esta nova sociedade do estar-aqui-sem-estar. Do ir de um lugar a outro sem passar por lugar nenhum. Apenas o partir e o chegar, sem nada no meio. Surge uma nova Geografia. Para Virilio, "entramos numa outra análise do espaço que está vinculada ao espaço-tempo. Aquilo que chamamos de 'projeção eqüidistante azimutal' é a geografia do tempo. A geografia do dia da velocidade, não mais uma geografia do dia meteorológico. Já agora, quando você volta a Paris de Los Angeles ou de Nova Iorque, em certas épocas você pode ver, através da janela, passando sobre o pólo, o sol poente e o sol nascente. Você tem o amanhecer e o anoitecer numa única janela. Estas imagens estereoscópicas mostram bem o além da cidade geográfica e o advento da concentração humana no tempo da viagem. Esta cidade do além é a Cidade do Tempo Morto (Virilio, 84, p. 17)."

Mas não só a geografia se transforma. O estar-aqui-sem-estar não é apenas a ausência do deslocamento físico perceptível. É a essência da possibilidade de ser tribal e não-tribal, local e não-local, **ao mesmo tempo**. É a rica possibilidade de desenraizar-se sem o tradicional medo ou perigo de estar **fora da História**. Não existindo mais **a História**, também não mais existe, conseqüentemente, o estar fora da história. Com isto, tem-se a possibilidade de uma multiplicação de outras histórias, já referido anteriormente. Em outras palavras, isto possibilita uma multiplicação de valores locais.

"Este processo de libertação das diferenças, diga-se de passagem, não é necessariamente o abandono de todas as regras, a manifestação bruta do imediato: também os dialetos têm uma gramática e uma sintaxe, e tão somente quando adquirem dignidade e visibilidade descobrem esta sua própria gramática. A libertação das diversidades é um ato com o qual eles 'tomam a palavra', se apresentam, isto é, se 'põem em forma' de modo a poderem ser reconhecidos; algo bem diverso de uma manifestação bruta do imediato (Vattimo, 89, p. 17)."

O conhecimento do universo mais próximo de cada pessoa, convive e partilha o seu espaço-tempo com o conhecimento do seu universo mais distante. A possibilidade de estar em outro lugar, ficando em sua própria

casa, permite uma multiplicação generalizada de visões de mundo. Mais ainda, é a possibilidade da convivência do **local** e do **não-local** permanentemente e, mais importante, **simultaneamente**. Esta multiplicação de visões de mundo, sem dúvida, está intimamente ligada à presença generalizada dos meios de comunicação. Para Vattimo, "o que de fato aconteceu, não obstante todos os esforços dos monopólios e das grandes centrais capitalistas, foi que o rádio, a televisão e os jornais se tornaram elementos de uma explosão e multiplicação generalizada de Weltanschauungen, de visões do mundo (Vattimo, 89, p. 12)."

Esse explodir de visões de mundo, por um lado torna impossível, como já visto, a manutenção da idéia de uma História unitária e por outro, faz da nova era algo que não tem nada a ver com a busca evolutiva de um mundo mais organizado, mais transparente. Vivemos uma obscenidade informativa, como diz Baudrillard. Para Vattimo, "viver neste mundo multifacetado significa fazer **experiência da liberdade como oscilação contínua entre pertença e desenraizamento**" (Vattimo, 89, p. 19).

As máquinas da comunicação passam, portanto, a sinalizar o dia-a-dia de todos as pessoas e, mesmo no seu espaço mais íntimo, a casa, elas estão presentes e colocam as pessoas em permanente contato com o mundo exterior. "Por esse motivo a casa é menos um local de desligamento, de ruptura com as tecnologias que estão lá fora em toda parte e mais um módulo acoplado aos demais (vida profissional, lazer, práticas esportivas, computadorizadas) fazendo parte de uma ampla rede de sistemas e aparelhos, que fazem a mediação do homem com todas as suas atividades de vida (Marcondes Filho, 91, p. 95)."

Uma nova ordem mundial é criada com base em mecanismos mecânicos e de comunicação. Os espaços físicos passam a adquirir novos significados. A velocidade da comunicação eletrônica possibilita a construção de um novo habitat, com malhas urbanas super equipadas e articuladas pelas tecnologias de comunicação, de tal forma que, como diz Guattari, "doravante não existe mais, com efeito, uma capital que domine a economia mundial, mas um 'arquipélago de cidades', ou mesmo um subconjunto de grandes cidades, ligadas por meios telemáticos e por uma grande diversidade de meios de comunicação (Guattari, 92, p.170/1)."

Este conjunto de novos valores vão caracterizando este novo mundo ainda em formação. Um mundo onde a relação homem-máquina passa adquirir um novo estatuto, uma outra dimensão. As máquinas da comunicação, os computadores, estas novas tecnologias, não são mais apenas **máquinas**. São os **instrumentos de uma nova razão**. Neste sentido, as máquinas

deixam de ser, como até então, um elemento de mediação entre o homem e a natureza e passam a expressar uma nova razão cognitiva.

Evidentemente que preconceitos precisam ser afastados porque não se trata de adaptar-se ou de dominar esta situação. A construção desta nova sociedade exige um esforço múltiplo de cada um, já que, naturalmente, os novos e velhos valores estão presentes neste mundo em transformação.

Para alguns pesquisadores, na verdade, os principais valores da modernidade continuam presentes e estes novos valores não representam, necessariamente, uma resposta ou uma ruptura com ela. No entanto, e isso é o importante para a dimensão deste artigo, mesmo estes autores, são de acordo que "a modernidade envelheceu" (Roanet, 85, p. 229).

Nesta dimensão tardia da modernidade, alguns de seus valores mais fundamentais estão presentes como elementos de referência aos novos valores que vão surgindo. Nos sistemas de comunicação e de educação podemos encontrar significativas manifestações desta resistência.

No sistema de comunicação, a concentração do capital, característico da modernidade, tem permitido uma forte tendência de **concentração na propriedade dos meios de comunicação e informação**. Este componente é uma presença marcante, em especial em país com desigualdades sociais e econômicas muito intensas, e merece ser analisada, uma vez que quase se constitui num movimento de resistência a estes novos valores em gestação. Resistência no sentido de que o desenvolvimento destas novas tecnologias favorece um aumento nas possibilidades de comunicação entre pessoas e culturas mas, ainda, isto se dá de forma **potencial**, em função da concentração relativa sobre a propriedade dos meios de comunicação e informação.²

Uma outra esfera onde os valores modernos ainda estão presentes de forma intensa é o **sistema educacional** (com as escolas em todos os níveis) ainda funcionando segundo uma razão que desconhece esta sociedade da comunicação e da informação.

² No meu trabalho **A Universidade e o Mundo da Comunicação - análise das práticas audiovisuais das Universidades brasileiras** (tese de doutorado, ECA/USP, mai.94) apresento, no final do primeiro capítulo, uma panorâmica desta tendência de concentração sobre as propriedades dos meios de comunicação..

A educação na sociedade do *mass media*

A escola resiste a estas transformações, muitas vezes desconhecendo o universo dos jovens que a ela chegam.

As dificuldades de uma compreensão mais integral do significado deste momento histórico atinge, evidentemente, a sociedade como um todo e a escola em particular. O que se busca é considerá-la como parte integrante deste movimento mais global de transformações e, para tal, uma nova postura torna-se necessária. Evidentemente que muitos problemas precisam ser enfrentados para uma empreitada deste porte. Incorporar a imaginação, a afetividade, uma nova razão, não mais operativa e sim baseada na integridade e na globalidade, encontra inúmeras resistências. Para Pierre Babin, "é difícil admitir que o imaginário e a afetividade possam, de alguma forma, influenciar a escola, a empresa ou a organização social. Na mente dos homens que detêm o poder cultural, qualquer expressão imaginária ou afetiva está ligada ao prazer, à arte, à manipulação (Babin, 89, p. 106/7)."

É difícil, portanto, imaginar que esta articulação entre o mundo da comunicação e o mundo escolar se dê de forma fluida e transparente. No entanto, a escola e a educação como um todo, não podem permanecer apenas contemplando o movimento de transformação que está ocorrendo na sociedade como um todo. Ela própria precisa ser repensada e integrar-se neste conjunto de transformações.

E, para acompanhar e ser partícipe deste novo mundo em construção, precisam acontecer e serem gestadas no processo de vivência deste momento, transformações estruturais significativas na escola, buscando formar um novo ser humano preparado para viver plenamente o milênio que se avizinha. Não podemos continuar formando aquele **ser humano-mercadoria**, mão-de-obra barata para uma sociedade tecnológica. Precisamos passar a formar o **ser humano-programador da produção**, capaz de interagir com os mecanismos maquímicos da comunicação, um ser humano participativo que saiba **dialogar** com os novos valores tecnológicos e não um ser humano receptor, passivo.

Este novo ser humano precisa, portanto, estar capacitado para estabelecer uma fundamental relação entre o homem e a máquina, porque, como diz Berger esta "relação (...) não se reduz mais ao nível de instrumentalidade"(Berger, 92, p.49/50)."

Neste contexto, a escola pode - e deve - ter uma outra função, um outro papel. Não se trata de garantir, apenas, a universalização do seu acesso. É básico que ela assuma **a função de universalizar o conhecimento e a**

informação. Nesta perspectiva, as novas tecnologias da comunicação passam a desempenhar um papel vital neste processo. Mas, também este relacionamento entre a educação e a comunicação precisa se estabelecer num outro patamar.

Não se pode continuar a pensar que incorporar os novos recursos da comunicação na educação seja uma garantia, pura e simples, de que se está fazendo uma nova educação, uma nova escola, para o futuro. **Ao contrário**, vimos que esta incorporação vem ocorrendo, basicamente, como **instrumentalidade**, com uma pura e simples introdução de novos elementos - **ditos mais modernos** - em **velhas** práticas educativas. Precisamos, no entanto, de uma integração mais efetiva entre a educação e a comunicação e isso só se dará se estes novos meios estiverem presentes como **fundamento** desta nova educação. Aí sim, os novos valores desta sociedade, ainda em construção, serão presentes e integrantes desta nova escola, agora **com** futuro. Assim, esta escola estaria presente e seria participante da construção desta nova sociedade e não permaneceria, ou como uma resistência aos velhos valores em declínio ou, talvez o pior, como mera espectadora a-crítica dos novos valores em ascensão.

Esta nova escola não está definida. Nem será definida de fora, a partir de um modelo pré-estabelecido. Alvin Toffler, estudioso americano sobre o futuro da humanidade, autor do livro **A Terceira Onda**, em entrevista ao jornal italiano **Il Manifesto**, afirmava que "todos querem saber se (o futuro) será positivo ou negativo. Mas a resposta é simplesmente que será diverso. Não é possível analisá-lo com os critérios ou os valores que temos hoje." Também para a escola podemos usar este raciocínio. Sabemos - e queremos - uma nova escola mas, também ela, **está em construção**. Sabemos - e queremos - que ela tenha uma correspondência com a realidade imagética e de comunicação do mundo que a cerca. Que possa estabelecer com este mundo, uma relação crítica permanente. Uma escola que considere, também, como significativas a criação e a imaginação.

As Universidades, como parte deste sistema de educação são, por excelência, produtoras de conhecimento e formadoras dos novos profissionais que vivem este mundo em transformação. Também elas precisam ser repensadas.

As práticas audiovisuais das Universidades brasileiras

Um olhar mais atento para o interior as Universidades realizado para a o doutorado do autor, origem deste artigo, evidenciou uma **total ausência**

de uma cultura audiovisual nas suas práticas acadêmicas, manifesta tanto nos procedimentos individuais e isolados de professores, funcionários e estudantes, como nas estruturas mais gerais das Instituições analisadas.

Uma **fotografia de obturador aberto** deste conjunto de Universidades analisadas³ foi realizada e revelou uma incompatibilidade da maior parte destas práticas com o mundo e com o ser humano em mutação. As Universidades estão presas à chamada cultura de Gutemberg, onde a oralidade e a palavra escrita são seus marcos mais fundamentais.

Um conjunto de **isolamentos de pessoas, práticas e setores** foi identificado como sendo uma constante nestas Instituições. O primeiro destes isolamentos ocorre entre professores, pesquisadores, estudantes e funcionários, que desempenham suas atividades, na maioria das vezes sozinhos, sem uma articulação maior, algumas vezes no interior dos próprios Departamentos. Um outro isolamento ocorre entre as diversas áreas do conhecimento, que adotam metodologias de trabalho onde se enfatiza a segmentação do conhecimento e da realidade. Por último, mas não menos importante, há um isolamento entre professores, pesquisadores, setores, Departamentos, que, não interagindo, mantêm a dicotomia entre o pensar e o fazer, entre o administrar e o produzir conhecimento. Este **conjunto de isolamentos** atinge, portanto, a essência da Universidade, tratando de forma distinta suas três dimensões básicas: o ensino, a pesquisa e a extensão.

As tentativas de incorporar os novos meios de comunicação e informação no cotidiano universitário podem ser vistas como novas manifestações deste isolamento. Um isolamento conceitual, que afasta, em diversas instâncias, a produção e a utilização de vídeos, da produção de conhecimentos gerada na Universidade. São mundos distantes que não se aproximam. Que não se conhecem. O mundo das imagens, da imaginação e da informação e o mundo da razão.

Inexiste, no conjunto de Universidades analisadas, uma relação mais estreita entre estes dois mundos. De um lado, fecha-se o mundo da produção audiovisual. Do outro, a produção de conhecimento, a pesquisa. Isto foi observado tanto nas manifestações individuais como nas estruturas administrativas criadas para estes dois mundos.

São inúmeras as manifestações evidenciadas que confirmam esta análise, das quais podemos destacar algumas.

³ Foram analisadas no Brasil as Universidades Federais do Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, a Universidade de São Paulo, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e a Fundação Universidade de Brasília. No exterior, foi analisada a Universidade de Milão.

É grande a dificuldade de relacionamento entre os profissionais de conteúdo específico e os técnicos dos setores de produção de tal forma que a sistemática de produção de vídeos ainda mantém a mesma metodologia cartesiana em uso na Universidade como um todo, que subdivide excessivamente as funções, em especial quando se trata da relação forma-conteúdo.

Evidentemente que, com estas condições, a produção de vídeos - e futuramente dos multimedias - continua a ser considerada como algo secundário para a carreira universitária. Esta falta de valoração, manifestada na totalidade das entrevistas realizadas, não é apenas uma questão burocrática ou de legislação. É reflexo de uma visão acadêmica que ainda insiste, como diz Duarte Jr., em colocar as questões da imaginação, encurraladas em uma reserva suspeita (Duarte Junior, 81, p. 16). Assim, esta produção é vista, predominantemente, como um adorno dos processos de produção de conhecimento e ensino e, em função disso, colocada em segundo plano, deixando para os técnicos a responsabilidade quase total das produções.

Apesar de tudo isso, as Universidades estão produzindo. De uma forma ou de outra, foi possível identificar, em diversas instâncias, um **interesse crescente** pela produção e utilização de material audiovisual. Foram identificadas iniciativas com o objetivo de produzir vídeos tanto em nível individual como também com criação de setores específicos para tal. Hoje, uma razoável quantidade dos projetos enviados às agências de financiamento, solicitam a aquisição de equipamentos para a produção de vídeos. Para que se produzam estes vídeos? A evidência maior do levantamento realizado nas Universidades brasileiras e estrangeira que integraram a amostragem da pesquisa já citada, é de **que esta produção está se encerrando nela mesma**. Ou seja, há uma grande quantidade de iniciativas para a produção destes vídeos, algumas vezes, até integrados a projetos de pesquisa mas, estes, depois de prontos, somente são utilizados pelo próprio autor, esporadicamente, em suas atividades didáticas ou para apresentações em congressos.

O que se pode observar é que, tanto em nível individual, como através destes Centros, as ações terminam no exato momento em que são finalizados os seus produtos. No que se refere aos Centros, o conjunto de entrevistas realizadas, indicou que, para estes, a **utilização** destes materiais não é o fundamental ou, pelo menos, não é assunto de sua competência. O resultado, é a existência de uma relativamente grande produção de vídeos, mas sem uma efetiva utilização.

Este olhar mais atento para o interior das Instituições de Ensino Superior indicou a necessidade de se trabalhar para a construção desta **cultura**

audiovisiva nas Universidades, como um passo significativo para a sua aproximação com o mundo externo a ela. Um mundo, como já foi enfatizado, de imagens, comunicação e informação.

A perspectiva adotada aqui é a de formar um novo ser humano, diferente daquele que estamos hoje formando, e isso implica em uma concepção mais globalizante da produção do conhecimento, incluindo aí uma visão mais globalizante para as próprias estruturas audiovisuais das Universidades.

Tudo isso indica-nos que não adianta se repensar isoladamente as políticas audiovisuais para as Universidades. Na verdade, poderíamos ir mais longe e até afirmar que a questão não é de política audiovisual mas de uma nova política educacional para as Universidades brasileiras. Estas, neste momento histórico, precisam, necessariamente, refletir, nas diversas instâncias de planejamento universitário, sobre a necessidade de considerar a realidade do mundo contemporâneo e repensar a sua relação com a sociedade como um todo. Repensar as suas práticas de ensino, de pesquisa e de extensão universitária, indissociáveis, e que podem se constituir em importante substrato para uma maior compreensão da realidade deste final de milênio e para a formação dos novos seres humanos que possam viver plenamente o futuro que se aproxima.

As expectativas de superação deste momento histórico, existem, justamente, em função do caos relativo que vivemos. Um momento onde, como diz Kapra, não serão as políticas de curto prazo - mesquinhas digo eu - que determinarão seu futuro. Ele chegará e cabe a nós, não só construí-lo mas, principalmente, estarmos preparados para vivê-lo de outro modo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BABIN, Pierre, KOULOUMDIJAN, Marie-France.

1989 *Os novos modos de compreender - a geração do áudio-visual e do computador*. São Paulo: Paulinas.

BERGER, René.

1992 *Il nuovo Golem - televisione e media, tra simulacri e simulazione*. Milão: Raffaello Cortina.

DUARTE JR, João Francisco.

1981 *Fundamentos estéticos da educação*. São Paulo: Cortez/Autores Associados.

GUATARRI, Felix.

1992 *Caosmose um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: 34 Literatura.

HOINEFF, Nelson.

1991 *TV em expansão - novas tecnologias, segmentação, abrangência e acesso na televisão moderna*. Rio de Janeiro

IL Manifesto

1994 19/2, p.11

MARCONDES FILHO, Ciro.

1991 *A sociedade Frankstein*. São Paulo: mimeo.

MARCONDES FILHO, Ciro.

1992 *A nova sociedade da era tecnológica*. São Paulo: mimeo.

PEIXOTO, Nelson Brissac.

1991 In: NOVAES, Aduino (org.) *Rede imaginária: televisão e democracia*. São Paulo: Companhia das Letras, 74p.

PRETTO, Nelson De Luca.

1994 *A universidade e o mundo da comunicação - análise das práticas audiovisuais das universidades brasileiras*. São Paulo: Tese (Doutorado) ECA/USP, maio.

ROUANET, Sérgio.

1985 A verdade e a ilusão do pós-moderno. In: *AS RAZÕES do iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, p.229-277.

VATTIMO, Gianni.

1989 *La società trasparente*. Roma: Garzanti, 1989.

VIRILIO, Paul.

1984 *Guerra pura*. São Paulo: Brasiliense.